

# *L'adieu à la classe moyenne*

Jean Lojkine

Paris, La Dispute/SNÉDIT, 2005, 246p.

ANDRIEI GUTIERREZ\*

*L'adieu à la classe moyenne* (O adeus à classe média) é um livro provocante e atual. Nele Lojkine empreende um tratamento às classes assalariadas do ponto de vista da sua tese da Revolução Informacional. Para tanto, procura não se furtar às polêmicas com A. Touraine, P. Bourdieu, M. Castels, A. Negri, entre outros, para demonstrar como o capitalismo teria entrado sim em uma nova (e contraditória) fase, mas que esta, tal como a anterior, ainda permaneceria marcada por conflitos entre classes sociais, remetendo, em última instância, ao modo de produção em torno do qual a sociedade se estrutura.

## I

Lojkine tem por objetivo agregar novos elementos para a sua tese da Re-

volução Informacional, escrita em 1992 (e publicada no Brasil em 1995, pela Editora Cortez). Nessa empreitada, mostra o que seriam os elementos de um novo “capitalismo informacional” em oposição ao “capitalismo da Revolução Industrial”. O autor não rompe com a problemática marxista. Questiona, por sua vez, a validade da medida “tempo da força de trabalho” como padrão de mensuração do valor de troca: “Esta medida capitalista da produtividade do trabalho pela quantidade de tempo de trabalho standardizado foi fundada sobre as características da revolução industrial capitalista e do trabalho operário taylorizado” (p. 111 – tradução minha).

A implicação primeira dessa mudança (que está diretamente ligada às mutações sócio-técnicas da produção e

\* Pesquisador do Centro de Estudos Marxistas (Cemarx) da Unicamp.  
(andriei.gutierrez@uol.com.br)

à introdução das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação) é que passa a haver o *predomínio* da informação face à mercadoria. Todas as atividades “produtivas” e de “serviços” passariam a ser caracterizadas pelo “trabalho de informação”.

Com a Revolução Informacional, a luta de classes assumiria um novo patamar: a disputa pela apropriação da produção passaria, primeiro, pela disputa pela informação. Para tanto, o autor identifica “três dimensões fundamentais do trabalho de informação”. Primeiro, existiria uma dimensão “subjetiva”, particularmente expressiva. A segunda seria de ordem “intersubjetiva”, “é a sua dimensão relacional e interpretativa, tão fundamental nos serviços públicos”. E, por fim, haveria uma dimensão “política”: “informar, ou não informar, é freqüentemente estabelecer uma relação de poder cuja característica é seja a partilha da informação para cooperar, seja, ao contrário, sua monopolização para dominar” (p. 156). Esta dimensão política parece ser fundamental no capitalismo informacional. Não é à toa que o autor subdivide a “informação” em três níveis: informação estratégica, informação tática e informação operacional, circunscrevendo o campo da luta de classes à disputa pelos três níveis de informação, tão importantes tanto para a gestão das empresas quanto para a organização da vida política.

Mas quando e de que forma ocorreram tais modificações estruturais e

quais foram as suas implicações, sociológica e política, para as classes sociais?

Para Jean Lojkin, há uma “crise estrutural do capitalismo”, diferente da “crise de superacumulação cíclica” da década de 1930. Desde 1969 até os dias atuais, a crise estrutural marcaria o início da Revolução Informacional, que seria, em última instância, “uma revolução cultural na maneira de fazer da política” (p. 110). Cabe destacar aqui o papel determinante que Lojkin concebe ao desenvolvimento das forças produtivas face às relações políticas, como se lograssem uma autonomia relativa e uma determinação absoluta.

De um lado, teríamos as mutações sócio-técnicas da produção: a) autonomização e polifuncionalidade das máquinas por meio de um comando numérico e b) reformulação da organização do processo de trabalho (aumento da responsabilidade do trabalhador e redução da hierarquização de atividades; redução da distância entre o produtor direto e o consumidor, através dos procedimentos como o *just in time* etc.). De outro, ocorreria uma mutação antropológico-política proporcionada pelas Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação: a) objetivação das funções cerebrais do operador de tais tecnologias, que induziria ao fim da separação entre concepção e execução – legado da Revolução Industrial – e “criaria” no plano político um trabalhador propício à auto-representação; b) abertura da possibilidade de controle das informações estratégicas (tanto da pro-

dução como da organização estatal) por esse novo trabalhador.

## II

Com vistas a levar a sua análise às classes sociais, Lojkin faz um estudo histórico e sociológico da classe operária e do grupo de quadros (estes últimos, trabalhadores próximos dos cargos de gestão, hierarquicamente superiores, portadores de um diploma superior e com características políticas próprias). Ambos teriam sido os dois pólos aglutinadores da identificação e da representação política dos trabalhadores assalariados desde meados do século XIX até parte do século XX. Contudo, o autor procura mostrar que, desde o final da década de 1960 até os últimos anos do século, houve um “estilhaçamento” (*éclatement*) tanto da classe operária quanto do grupo de quadros, que culminou com o surgimento de um “novo assalariado informacional”.

O antigo operário taylorista teria o seu modo de pensar e de agir alterado pela Revolução Informacional. Perderia seu “fundamento sociológico de identidade de classe” ao perder seu estatuto de produtor direto e ao aproximar-se dos trabalhadores do serviço de gestão. Lojkin defende então a idéia de que a redução na participação política dos operários nos partidos e sindicatos é um forte sintoma do fim dessa identidade.

Ao longo do livro, o autor tem uma preocupação central em deixar claro que há uma diferença entre Revolu-

ção Informacional e capitalismo informacional. A lógica do capitalismo informacional seria a de utilizar as potencialidades da Revolução Informacional com o intuito de reduzir mão-de-obra e custos. Dessa forma, durante os anos 80 e 90, as empresas procuraram difundir para o conjunto dos assalariados as antigas especificidades do grupo de quadros: autonomia na organização do seu trabalho, polivalência (*polyactivité*), obrigação de resultados, avaliação regular de competências e de eficiência; o que permitiu ao patronato dissociar qualificações requeridas e reconhecimento estatutário na grade de classificações salariais: a posse de título universitário deixa de ser garantia do nível de vida (p. 48). Assim, o capitalismo informacional levaria, para Lojkin, também a um estilhaçamento do grupo de quadros. O aumento substancial do desemprego entre os jovens diplomados, entre as décadas de 1970 e 1990, o crescimento dos contratos por tempo determinado, a “desvalorização dos diplomas” – jovens exercendo funções aquém da sua capacitação –, a redução do seu poder de compra, assim como uma carga de trabalho excessiva evidenciariam a procedência de sua tese.

Embora tenha havido uma proletarização do grupo de quadros, não seria possível afirmar que houve uma convergência identitária com o “proletariado” operário: “O estilhaçamento do grupo de quadros pôs fim a uma identificação simbólica artificial, puramente ideológica, mas ele criou ao mesmo

tempo um assalariado muito mais complexo, multipolar, do qual atualmente é difícil de encontrar a identidade, a coerência” (p. 68). O novo assalariado informacional tem sua dimensão política comparada por Lojkine à metáfora geográfica do “arquipélago”: “a diversidade objetiva do conjunto assalariado é tal, hoje em dia, que toda tentativa de representá-lo por um pólo único só pode redundar em fracasso” (p. 82).

A partir do estudo dos trabalhadores do ensino (tanto professores, como técnicos e empregados), dos trabalhadores da saúde (médicos, enfermeiras) e dos artistas, Lojkine procura mostrar que não só os trabalhadores altamente qualificados, como também os trabalhadores especializados e os executores das tarefas mais simples, têm todos uma aspiração comum, característica do trabalhador informacional: são “(...) unidos pelos problemas comuns colocados pela elaboração, pela circulação, pela partilha da informação” (p. 131). Mas a realidade sociológica seria muito mais contraditória e ambivalente; os assalariados teriam “(...) uma configuração multipolar na qual o conflito de classes (capital/trabalho) é filtrado, até ocultado, pelas clivagens e pelos conflitos culturais entre operários e quadros, entre operários e empregados das burocracias públicas ou privadas, entre camadas populares pouco diplomadas (operários, empregados) e jovens diplomados, entre homens e mulheres, especificamente nos serviços mas também nas profissões do enquadramento

industrial (desigualdades de gênero, peso da dominação cultural)” (p. 132).

### III

A partir das análises de Lojkine, podemos apreender uma teoria da transição em “estado prático”. Ou seja, para o autor, o sistema capitalista mundial começaria a mostrar seus limites: a lógica da Revolução Informacional tenderia a colocar em cheque a lógica capitalista mercantil: o capital procura utilizar as novas tecnologias como forma de reduzir os empregos qualificados e de restringir as informações estratégicas; ao passo que, como um efeito colateral, surgem trabalhadores cada vez mais capacitados, intelectualizados, com a tendência à auto-representação e à autogestão.

*L'adieu à la classe moyenne*, como se pôde ver, é um livro denso, por vezes repetitivo, mas que acrescenta uma série de argumentos em torno da tese da Revolução Informacional. É, sem dúvida, um convite à reflexão e uma contribuição inquestionável no campo da problemática teórica marxista.

GUTIERREZ, Andriei. Resenha de: LOJKINE, Jean. L'adieu à la classe moyenne. São Paulo: Editora Xamã, 2005, 312 p.. Crítica Marxista, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.22, 2006, p.185-189.

***Palavras-chave:*** Classe assalariada; Revolução Informacional; Capitalismo.